



# Percursos na Militância Bissexual: Esforços para Resistir aos Efeitos da Hegemônica Monossexualidade

Trajectories in Bisexual Militancy: Efforts to Resist the Effects of Hegemonic Monosexuality

*Felipe de Baére*<sup>1</sup>

*Valeska Zanello*<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho teve como escopo analisar qualitativamente as vivências pessoais e a trajetória na militância de ativistas bissexuais e compreender como esses sujeitos políticos entendem o modo pelo qual as suas representatividades e ocupações no movimento social impactam o seu bem-estar e a sua saúde mental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento LGBTQIA+. Bissexualidade. Ativismo Bissexual. Saúde Mental

## ABSTRACT

The present work aimed to qualitatively analyze the personal experiences and trajectory in militancy of bisexual activists and understand how these political subjects understand the way in which their representations and occupations in the social movement impact their well-being and mental health.

**KEYWORDS:** LGBTQIA+ Movement. Bisexuality. Bisexual Activism. Mental Health

## RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo analizar cualitativamente las experiencias personales y la trayectoria en la militancia de activistas bissexuales y comprender cómo estos sujetos políticos entienden la forma en que sus representaciones y ocupaciones en el movimiento social impactan su bienestar y salud mental.

**PALABRAS CLAVE:** Movimiento LGBTQIA+. Bisexualidad, Activismo Bissexual. Salud Mental.

\* \* \*

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. E-mail: [felipebaere@gmail.com](mailto:felipebaere@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Associada 2 do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. E-mail: [valeskazanello@uol.com.br](mailto:valeskazanello@uol.com.br)

O avanço dos estudos e pesquisas no campo da diversidade sexual e de gênero ainda não foi capaz de criar condições para a superação de certas divergências, como o entendimento da bissexualidade como uma identidade sexual legítima. O contínuo apagamento e contestação da bissexualidade não se restringe aos discursos heterossexistas, que buscam estigmatizar as dissidências sexuais. Conforme assinala Angelides (2006), as próprias produções teóricas e epistemológicas voltadas para a historicização da sexualidade moderna, ao se focarem no surgimento das identidades homossexuais, reafirmaram a bissexualidade como questão secundária nessas discussões.

O preterimento dos debates em torno da bissexualidade, na visão de Yoshino (2000), é reflexo de um contrato epistêmico de apagamento bissexual, mantido por sujeitos autodeclarados heterossexuais e homossexuais. Embora seja olvidada e, por vezes, desacreditada, Angelides (2001) aponta que a bissexualidade se encontra na base da estrutura epistemológica que envolve a oposição binária entre hetero/homossexual. Segundo esse autor, para as monossexualidades existirem, necessitam de seu negativo, o elemento Outro que enseja o delineamento de suas definições. Logo, a relação entre heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade envolve uma interdependência conceitual, em uma lógica trinária (ANGELIDES, 2001).

A interrelação entre esses três termos, para além do campo epistêmico, também foi marcante no movimento político sexual. De acordo com Anderlini-D'Onofrio (2003), o movimento bissexual surgiu durante a década de 1970, a partir da insatisfação com os movimentos homossexuais. Neste período, a consolidação das militâncias sexuais identitárias incorreu na maior demarcação de suas representações enquanto organizações políticas. Como os sujeitos bissexuais eram recorrentemente indesejados e vistos como eventuais praticantes da heterossexualidade, tornou-se difícil a sua permanência em grupos de gays e lésbicas. Desse modo, a bissexualidade como identidade política emergiu neste momento como reação a posicionamentos hostis de grupos monossexuais (VAN ALPHEN, 2017).

Na década de 1980, antes de o papel político da bissexualidade se ampliar na esteira dos debates promovidos pela teoria queer (ANGELIDES, 2001), o comportamento e a identidade bissexuais se tornaram foco de interesse de pesquisas científicas, devido à epidemia de HIV/Aids. Conforme assinalou Storr (2002), a preocupação de epidemiologistas e de profissionais da saúde estava no fato de os sujeitos bissexuais, sobretudo os homens, serem considerados “pontes de infecção” entre a comunidade homossexual e o restante da população. Consequentemente, ao longo da década seguinte, ao passo que os homens bissexuais seguiram como preponderantes objetos de estudo em pesquisas sobre a epidemia de HIV/Aids, as mulheres bis se sobressaíram nos campos da política e da teoria bissexuais, principalmente em virtude do legado do ativismo feminista no âmbito acadêmico (STORR, 2002). Nesse período, em meio a conflitos pela busca do reconhecimento da bissexualidade no movimento social, observou-se a expansão da comunidade política bissexual, com a formação de alianças e a reiterada publicação de conteúdos voltados para essa temática, sobretudo no cenário internacional. No Brasil, por outro lado, a estruturação de grupos bissexuais com maior autonomia em relação às organizações e coletivos mistos, apenas se deu a partir dos anos 2000 (MONACO, 2020).

Do mesmo modo como ocorria em outros países, a presença de ativistas bissexuais em grupos mistos era atravessada por conflitos e tensões no cenário brasileiro. Ao descrever o processo de inserção de bissexuais na sigla GLT, Facchini (2005) apontou o quanto essa inclusão se deu em meio a constantes negociações e acaloradas discussões dentro das organizações e grupos atuantes no movimento social sudestino. Em 1999, com o intuito de se alinhar ao cenário internacional, a Associação da Parada de São Paulo pactuou a utilização da sigla GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), que veio a se adotada por grande parte dos grupos e coletivos no país. Neste mesmo ano, ativistas estadunidenses criaram o Dia da Visibilidade Bissexual, 23 de setembro. Essa data, gradualmente, popularizou-se na militância bissexual de todo o mundo (LEÃO, 2018).

Ao longo dos anos 2000, embora a nova sigla abrangesse a bissexualidade, as manifestações de discriminação e de preconceito contra as tentativas de

organização política de sujeitos bissexuais no movimento social ainda eram recorrentes (LEÃO, 2018; MONACO, 2020). Embora o governo do Partido dos Trabalhadores tenha intensificado a relação entre o Estado e o então movimento GLBT, a militância bissexual não encontrou espaço para estender as suas ações. Foi apenas com a ampliação das redes sociais, através de grupos e blogs, que esse cenário iria favorecer os encontros de pessoas bis.

Ao discorrer sobre os grupos que impulsionaram as movimentações contemporâneas da militância bissexual nos anos 2010, Leão (2018) apresentou a relevância do Bi-Sides, que surgiu como um blog em 2009, cuja proposta inicial era a tradução de textos estrangeiros, mas que se expandiu para o Facebook e demais ambientes virtuais. Enquanto rede social, o Bi-Sides viabilizou não apenas a identificação com a bissexualidade aos sujeitos que se encontravam sem referenciais para nominar a forma como se entendiam sexualmente, como também permitiu a reunião de bissexuais em um mesmo espaço. Esses agrupamentos virtuais têm sido essenciais para a consolidação da militância bi, ainda submetida a constantes tentativas de apagamento no movimento LGBTQIA+ (LEÃO, 2018, MONACO, 2020).

Dentre os efeitos das opressões direcionadas aos sujeitos bissexuais nas dinâmicas internas do movimento social, está o sofrimento psíquico. Em uma pesquisa que abrangeu o relato de ativistas que compõem o Coletivo B, espaço físico e virtual, criado em 2010, com o intuito de articular redes de bissexuais no cenário nacional e internacional, houve o consenso de que se entender bissexual em culturas que normatizam as monossexualidades é um fator de risco para a saúde mental (MONACO, 2020).

A descrença e a desqualificação da bissexualidade têm feito com que pessoas bissexuais estejam sujeitas a comentários depreciativos e apresentem dificuldades para encontrar espaços de pertencimento social; comumente são vistas como confusas, inconstantes e inaptas para se relacionar; no caso das mulheres, ao serem consideradas promíscuas, também se encontram sujeitas às violências de gênero e à objetificação acentuada. Essas experiências corroboram para a fragilização psíquica de bissexuais, não apenas em comparação aos heterossexuais, como também em relação às lésbicas e aos gays, conforme tem

apontado as epistemologias bi (EISNER, 2013; LEÃO, 2018; MONACO, 2020).

Embora sejam incipientes as pesquisas nacionais voltadas para a investigação da saúde mental de pessoas bi, há publicações no cenário internacional que demonstram que, em comparação a sujeitos monossexuais, as pessoas bi, por serem vulnerabilizadas em diversos espaços sociais, estão mais propensas a apresentar sofrimento psíquico e índices acentuados de comportamento suicida (DYAR *et al.*, 2019; EISNER, 2013). Pesquisas brasileiras que se debruçaram sobre a saúde mental de dissidências sexuais a partir do histórico de suicidalidade, ou seja, das ideações, planejamentos e tentativas de autoextermínio, ratificam os resultados encontrados em outros países e alertam para os efeitos nefastos da bifobia e da monossexualidade compulsória (BAÉRE; ZANELLO, 2020; TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2014).

Tendo em vista que epistemologias bissexuais têm sinalizado a fragilização da saúde mental da população bissexual e que as dinâmicas de opressão contra pessoas bi também se fazem presentes no interior do movimento social, o presente trabalho teve como objetivo analisar qualitativamente as vivências pessoais e a trajetória na militância de ativistas bissexuais e compreender como esses sujeitos políticos entendem o modo pelo qual as suas representatividades e ocupações no movimento social impactam o seu bem-estar e a sua saúde mental. Como a análise envolveu homens e mulheres cis bissexuais, também se propôs a identificar como os aspectos relacionados ao gênero se expressam em cada grupo. O intuito não foi direcionar as participações para discorrerem especificamente sobre a própria saúde mental e o sofrimento psíquico, mas identificar como esses temas atravessam, direta ou indiretamente, as suas experiências em suas relações com a militância.

## **Método**

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (IH/UnB), com o CAAE (OCULTO - incluir após a avaliação por pares) e parecer número (OCULTO - incluir após a avaliação por pares). Primeiramente, foi elaborada uma lista de possíveis colaborações, cujo critério de inclusão se baseou no compromisso com atividades

voltadas para a militância bissexual. Foram entrevistados pesquisadores que têm trabalhado com a temática da bissexualidade na pós-graduação, sujeitos que criaram perfis em redes sociais com foco na bissexualidade, assim como indicações dos próprios participantes. Ao final, chegou-se ao total de oito entrevistados: quatro mulheres bissexuais cisgêneros e quatro homens bissexuais cisgêneros. A cisgeneridade foi um critério de seleção, pois possibilitaria maior distinção dos participantes em relação às pautas da militância trans.

Entre as ativistas bissexuais, participaram uma mulher negra, de 52 anos, moradora do Rio de Janeiro, psicóloga e educadora, que se encontra na militância bissexual desde o início dos anos 2000, identificada neste trabalho como (MB1); uma mulher branca, de 28 anos, moradora de Belo Horizonte, pesquisadora em Comunicação Social, com foco em temáticas relacionadas à bissexualidade (MB2); uma mulher branca, de 28 anos, moradora do Rio de Janeiro, socióloga e pesquisadora (MB3); e uma mulher negra, de 26, moradora do Rio de Janeiro, jornalista e fundadora de coletivos voltados para o ativismo bissexual (MB4).

As colaborações dos ativistas bissexuais, por sua vez, envolveram um homem branco, de 38 anos, morador de Belo Horizonte, biólogo e professor (HB1); homem branco, de 35 anos, morador de Florianópolis, jornalista e presidente de partido político em âmbito local (HB2); homem branco, de 29 anos, morador de município ribeirinho do Piauí, educador (HB3); e um homem pardo, de 24 anos, natural do Pará e morador de Campinas, onde pesquisa temáticas relacionadas à bissexualidade.

Com intuito de analisar qualitativamente as vivências pessoais e a trajetória na militância, foram realizadas entrevistas abertas, por meio da pergunta disparadora: “Conte-me sobre a sua história de vida, envolvendo a sua chegada no ativismo e como tem sido a sua relação com a militância bissexual desde então”. À medida que se apresentavam novas questões envolvendo vivências de sofrimento e/ou de bem-estar relacionadas ao exercício do ativismo e às dinâmicas internas do movimento social, outras perguntas eram trazidas para direcionar o aprofundamento temático, tais como: “Fale-me mais sobre isso” ou “Conte-me um pouco mais sobre o que acabou de mencionar”. Devido ao contexto pandêmico e ao fato de as participações serem provenientes de outros estados, todas as entrevistas

foram realizadas através de aplicativos de videochamada e integralmente gravadas, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas ocorreram entre os meses de agosto e setembro de 2021 e as gravações entre setembro e outubro de 2021. As oito transcrições foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2016), que consistiu na categorização de elementos a partir de sua reincidência temática na fala dos participantes. Como forma de assegurar maior rigor ao trabalho, a análise de conteúdo foi elaborada por dois avaliadores. Em uma primeira etapa, cada grupo de entrevistas foi analisada pelos avaliadores separadamente, a fim de que fossem levantadas as categorias específicas ao grupo das mulheres bissexuais e ao grupo dos homens bissexuais. Ao final desse processo inicial, os avaliadores se reuniram para comparar as análises realizadas em cada grupo. A partir dessa comparação, foi possível chegar a quatro categorias comuns entre as mulheres e os homens bissexuais.

## **Resultados e discussão**

Através da análise de conteúdo, foram elencadas três categorias, a saber 1-) Reconhecimento e pertencimento; 2-) “Invisibilidades” no movimento sexo-gênero diverso; e 3-) Saúde mental e a (r)existência bi. A seguir, cada uma das categorias será descrita de modo detalhado. Como forma de auxiliar a compreensão de cada categoria e subcategoria, foram compartilhados, em itálico, fragmentos das falas das entrevistadas (MB1, MB2, MB3 e MB4) e dos entrevistados (HB1, HB2, HB3 e HB4).

### **1- Reconhecimento e pertencimento**

Em culturas heterossexistas, entender-se como uma pessoa sexo-diversa costuma ser um processo árduo, sobretudo para sujeitos bissexuais, por também romperem com a norma monossexual (LEÃO, 2018, MONACO, 2020). Conforme apareceu nas entrevistas, o momento de identificação com a bissexualidade, seja a partir de conceitos disponíveis em espaços virtuais, seja por meio do compartilhamento de experiências de outros sujeitos bis, foi um divisor de águas,

que proporcionou alívio e atenuação do sofrimento psíquico. Nesta categoria, esses relevantes contextos foram descritos como a porta de entrada para o movimento LGBTQIA+.

### 1.1 - Existe um nome para essa minha vivência

Devido a todo mal-estar por não se reconhecerem nas monossexualidades, a descoberta da existência de um nome para se identificarem foi descrita como um importante evento, que propiciou alívio e organização interna. Até esse momento, a sensação compartilhada era de desorientação devido à ausência de um ponto de referência para se situar. *Eu passei vários anos da minha vida tentando encontrar essa palavra que eu pudesse me identificar, que fizesse sentido para o meu campo afetivo* (MB4). De acordo com a entrevistada MB4, a identificação que experienciou ao se deparar com o conceito de bissexualidade excedeu o campo afetivo e sexual: *a primeira vez que eu ouvi a palavra bissexual e fui entender o seu significado, houve essa identificação imediata, que eu não só sinto atração sexual e afetiva, mas também é essa forma que eu assumo de ver o mundo.*

Desde o início dos anos 2010, o ativismo bissexual tem se consolidado sobretudo na internet. Seja através de blogs que fornecem conteúdos atualizados sobre epistemologias bissexuais, seja nos grupos e páginas de coletivos bis nas redes sociais, são nesses ambientes virtuais que sujeitos dissidentes das monossexualidades encontram conceitos com os quais passam a se identificar. De acordo com HB4, essa necessidade é ainda mais premente entre os sujeitos bissexuais em comparação aos homossexuais. *Diferente de gays e lésbicas, a gente pesquisa. A gente vai no Google e pesquisa o que é bissexual e aí passa um tempo lá tentando entender "Hum, talvez isso me encaixa, isso faz sentido para mim". Uma coisa que eu não vejo é alguém pesquisando o que é um gay ou uma mulher pesquisando o que é uma lésbica, ninguém precisa fazer isso.*

A constatação de HB4 denota a relevância da internet para esses sujeitos na descoberta da bissexualidade, pois se torna uma forma de ressignificar as próprias experiências outrora lidas como indefinições. Além de chats nos quais são compartilhadas experiências pessoais, foi em grupos de redes sociais que entrevistados tiveram sua aproximação da militância bissexual. Muitos desses



grupos se tornaram posteriormente coletivos que hoje compõem a militância bissexual brasileira. HB3, por morar no interior, apenas teve acesso à internet após os 15 anos, quando foi disponibilizada em sua cidade. Descreveu esse espaço virtual como um lugar promissor, pois foi ali que, ao navegar nos sites de busca, deparou-se com o Bi-Sides, um coletivo repleto de informações sobre bissexualidade. Mesmo não se sentindo à vontade para sair do armário após se identificar com a bissexualidade através desse coletivo, reconhece que esses ambientes virtuais já lhe oportunizavam não apenas a identificação, mas o entendimento de que havia outras pessoas iguais a ele.

## 1.2 - A potência do compartilhamento de experiências

No período que precedeu a identificação com a bissexualidade, a percepção que os entrevistados tinham de si era de sujeitos solitários, isolados em suas vivências, desprovidos de espaços de reconhecimento e de pertencimento. *Eu ficava assim: "Gente, eu sou a única pessoa do mundo que é assim". E eu me achava super estranho. Eu comecei a me achar uma aberração* (HB1). Portanto, os ambientes de compartilhamento de experiências lhes auxiliaram na mudança de compreensão da própria realidade. Assim que se deparou com o conceito de bissexualidade em chats na internet, HB1 buscou se reconhecer neste novo espaço através das experiências ali partilhadas. *Eu comecei a ter uma palavra para mim. Só que eu ainda não entendia muito bem o universo, então eu queria conversar com mais pessoas para entender se era aquilo mesmo. E aí eu comecei a conversar com as pessoas através da internet e aí vi que era aquilo. Eu falei "Caramba, eu sou isso aí".*

Conforme assinalou MB3, a troca de experiências no universo bi é fundamental para auxiliar sujeitos que se encontram em sofrimento por não se enquadrarem nas monossexualidades. Em sua perspectiva, essa relevância seria ainda maior para eles, por haver menos homens bissexuais assumidos na sociedade. *A gente tenta pautar masculinidades, em geral. Porque existe muita dificuldade para o homem bissexual se assumir, sair do armário, dizer "Essa identidade é minha".* A perspectiva de gênero trazida pelas entrevistadas foi ratificada na fala dos homens, que descreveram períodos de muita dificuldade no

processo de autoaceitação da bissexualidade. *Muitos homens acabam preferindo não dizer que são bissexuais. Muitos homens bissexuais preferem ficar num armário para poder vivenciar uma paixão por uma mulher, do que correr o risco de ser rejeitado. Também existem muitos homens que são bissexuais, mas que estão no armário como homens gays. São homens que estão no armário não como heterossexuais, mas como gays* (HB1).

Além da influência do gênero, MB4 assinala que aspectos raciais acentuam a bifobia direcionada aos homens negros, pois eles não corresponderiam a representação social do sujeito negro viril. Do lugar de mulher negra, MB4 disse experimentar outras dinâmicas bifóbicas relacionadas às mulheres bissexuais, como a hipersexualização. *Por eu ser uma mulher bissexual e negra, no meu caso, negra de pele clara, eu estou muito nesse imaginário da sexualidade, nesse imaginário da “mulata”. E aí, quando você fala que você é bissexual, parece que você é a pessoa que topa tudo.*

Tendo em vista as distintas formas como a bifobia se expressa a partir das dimensões de raça e gênero, o compartilhamento de conceitos e de relatos pessoais, incluindo as violências sofridas por sujeitos bis em suas especificidades, criam meios de promover a identificação com o universo bissexual por parte daqueles que estão se aproximando dessas temáticas. *Essa ideia de que existe algo chamada bifobia foi uma das coisas que me fez me identificar. Era uma narrativa que estava toda prontinha. Inclusive, coisas que eu li sobre pessoas bissexuais se sentirem excluídas ou terem tido dificuldade nas suas trajetórias. Então as informações já estavam meio prontas, uma política que já estava circulando. Eu me encontrei aí* (HB4).

Nos últimos anos, HB4 tem percebido um número maior de perfis de pessoas com muitos seguidores nas redes sociais dispostas a falar publicamente sobre a bissexualidade, algo que não observava com tanta frequência. Desde que se inseriu na comunidade bi, passou a discorrer sobre a sua bissexualidade em todos os espaços de socialização e debates. *A enunciação seria um ato político, a minha ideia era essa. Então todas as oportunidades que eu tinha, em eventos, em rodas, sei lá, na internet, eu trazia a questão da bissexualidade.* Contudo, em um primeiro momento, ainda que estivesse entusiasmado com a sua proposta, HB4 se deparou

com as bifobias agenciadas dentro da própria comunidade LGBTQIA+. *Houve uma reação que eu não esperava, porque ninguém levava isso a sério. Então eu achava que ia ter algum tipo de efeito político e eu virei algum tipo de piada.*

Ao longo dessa categoria, foram descritas a importância do momento em que os participantes se depararam com os conceitos de bissexualidade e o quanto o processo de identificação nesta ocasião propiciou alívio psíquico e atenuação das angústias. Ao contrário do que comumente ocorre entre os sujeitos monossexuais, foi necessário que os entrevistados, experienciando um mal-estar por não se entenderem como heterossexuais ou homossexuais, buscassem informações nos âmbitos virtuais, para serem capazes de sair de uma autopercepção negativa de si. Além disso, nesta categoria evidenciou-se a relevância dos espaços de compartilhamento de experiências para que fosse possível a aproximação com o universo bissexual. A seguir, dando continuidade ao último relato de HB4, será possível perceber que as bifobias não estão ausentes no movimento LGBTQIA+, sendo nas interações da militância as ocasiões nas quais muitas violências bifóbicas são agenciadas.

## **2 – “Inbisibilidades” no movimento sexo-gênero diverso**

A identificação com os conceitos de bissexualidade compartilhados em perfis de coletivos nas redes sociais foi a porta de entrada para os entrevistados no movimento LGBTQIA+. Ainda assim, em muitos casos, o ingresso no movimento social não se deu diretamente por coletivos exclusivamente bissexuais, mas através da participação em grupos mistos. Ao longo desta categoria, foram descritas as posturas e atitudes bifóbicas experienciadas nas dinâmicas internas da militância sexo-gênero diversa. Dentre elas, estão a replicação de violências de gênero, o apagamento e o silenciamento da bissexualidade, de modo que, após uma sucessão de violências praticadas nas interações dentro desses grupos mistos, houve a necessidade de se dirigirem para espaços específicos de pessoas bissexuais. *A gente tem esse imaginário de que o movimento LGBT, por ter libertado a gente, ter sido um lugar que fez a gente se sentir bem para sair do armário, para fazer o que a*

*gente quiser, para ser quem a gente é, daí a gente acaba esquecendo de que é um lugar que tem pessoas e de que elas podem ser violentas também (HB3).*

## **2.1 Replicação de estereótipos de gênero na militância**

Quando os estereótipos direcionados às pessoas bissexuais envolvem dimensões de gênero, o imaginário social dentro da militância tende a associar homens bis aos padrões viris. Ou seja, por também se relacionarem com mulheres, esses sujeitos deveriam apresentar posturas lidas socialmente como másculas. Por não corresponder a essas expectativas, HB3 contou que a sua bissexualidade foi constantemente negada dentro da militância. *Foram as pessoas que mais debocharam de mim quando eu dizia que era bissexual. Eram as pessoas que diziam que eu estava só enganando e que era uma fase. "Você é muito pintosa para ser bi. Você é bicha, você não é bi".* As mulheres bis, em contrapartida, costumam ser vistas como hipersexualizadas, promíscuas e infiéis. De acordo com MB1, era frequente as críticas de camaradas lésbicas questionando a sua bissexualidade. *"Ou você é uma coisa ou você é outra. Vai ficar nessa putaria de ficar indo pra lá e pra cá?". Então, para mim, sempre foi muito ruim, muito duro não encontrar parceria no próprio ativismo.*

Conforme observou HB3, as violências bifóbicas relacionadas ao gênero são preponderantes nos espaços monossexuais, advindas de gays e de lésbicas cisgêneros. Como se encontram mais próximos dos padrões normativos - seja por corresponderem à monossexualidade, seja por se enquadrarem na cisheteronormatividade -, ele acredita que a bifobia seja um comportamento mais presente entre os sujeitos cis em comparação às identidades trans. MB2 relatou que no percurso de sua inserção no movimento social, articulando movimento feminista e movimento LGBTQIA+, *sempre tive uma identidade muito forte com o movimento trans, com companheiras trans.* Ela conta que, por não ser transexcludente, foi muitas vezes insultada em sua bissexualidade por companheiras lésbicas, sendo chamada de *vetor de DST e depósito de porra.* São xingamentos bifóbicos, tipicamente direcionados às mulheres bis, como forma de repreender e ofender sua presumida hipersexualidade. Por ambas serem alvos de

violências no movimento social, MB2 enxerga uma *aliança muito forte naquela época entre mulheres trans e mulheres bis*.

Enquanto esteve inserido em um ambiente misto, espaço por onde iniciou a sua militância no movimento social, HB1 relatou ter vivido muitos momentos ruins e constrangedores, sobretudo por parte de homens gays. *Teve um dos diretores dessa ONG, eu estava conversando com ele depois de uma atividade que a gente fez (...) aí ele falou assim "Você é bissexual?". Eu falei assim: "Sou. Por quê?". Ele falou: "Nossa, mas eu te acho tão resolvido".* O exemplo trazido por HB1 evidencia as estereotipias associadas à bissexualidade, como se o sujeito bissexual fosse uma pessoa confusa em relação à sua sexualidade, quando não é visto como um sujeito imaturo.

## **2.2 Apagamento das especificidades das vivências bissexuais**

As estereotipias que se manifestam nas interações de grupos mistos no movimento LGBTQIA+ fazem parte de um rol de violências bifóbicas agenciadas nestes espaços. Entre os entrevistados, existe a compreensão de que essas práticas têm como intuito excluir pessoas bis no movimento social. As próprias dinâmicas de apagamento e de silenciamento fazem com que sujeitos bis prefiram se retirar da militância, tal como HB1 assimilou pelas falas de camaradas da associação da qual fazia parte. *Eles falavam comigo que bissexual não durava muito no movimento, que entrava e já saía.* MB2, quando estava se aproximando do movimento sexo-gênero diverso, ao se pronunciar num espaço de debates como bissexual foi tachada de “bi de balada”, uma conotação que visa deslegitimar a veracidade da bissexualidade.

Comumente, as atitudes debochadas e de descrença estão relacionadas ao fato de que, para muitos sujeitos monossexuais, uma pessoa que se afirma bissexual, quando está se relacionando com alguém do gênero oposto (em uma lógica binária), está usufruindo da heterossexualidade. *Já ouvi, inclusive, de ativistas assim: "Você não sofre discriminação, violência LGBTfóbica quando você está - no meu caso - com um homem, porque você é hétero. Então você tem o seu momento hétero e você tem o seu momento lésbica". Quando eu estou com um homem eu sou bi, quando eu estou com uma mulher eu sou bi (MB1).* Por conta dessa ideia, as próprias violências no interior da militância são desconsideradas, pois elas

supostamente se dariam apenas fora do movimento social. *Dentro do movimento, mesmo de gays e lésbicas, as pessoas acham que violência é você pegar porrada, é ser machucado na rua, é ser perseguido, entendeu? E não, o apagamento também é uma violência, o silenciamento também é uma violência. Eu sempre vou colocar isso em pauta* (HB3).

O apagamento da bissexualidade não se dá apenas nos relacionamentos no interior da militância, mas também na biografia de pessoas assumidamente bissexuais. *Isso acontece com várias figuras públicas que se identificam ou que se identificaram enquanto bissexuais: as pessoas no movimento LGBT se recusam a aceitar essa identidade e atribuem conforme o gênero da pessoa, sabe? Se é um homem, ele é gay; se é uma mulher, ela é lésbica* (MB2). Um dos exemplos trazidos na fala dos entrevistados é a obliteração da bissexualidade da vereadora Marielle Franco, cujo assassinato político tem repercutido mundo afora. Segundo relatos, em muitos espaços da militância, Marielle é descrita como lésbica, sendo que se entendia e se apresentava como bissexual. Por presidir regionalmente um partido político, HB2 já refletiu sobre a presença de homens assumidamente bissexuais na política brasileira. *Diz aí um deputado estadual LGBT homem? Não me vem ninguém à cabeça. Talvez tenha, mas não me vem ninguém à cabeça.*

A usurpação da bissexualidade da biografia é uma das formas de contribuir para o seu apagamento. Outra forma de evitar a repercussão de temas relacionados ao universo bissexual é através do epistemicídio (SANTOS; MENEZES, 2017), ou seja, inferiorizando e impedindo que pesquisas e estudos relacionados à bissexualidade sejam desenvolvidos no âmbito acadêmico e científico. Em comparação a décadas anteriores, tem sido observado um número maior de trabalhos científicos voltados para as temáticas LGBTQIA+ na atualidade, ainda assim, a bifobia faz com que o interesse pelas epistemologias bissexuais seja embarreirado, tal como descreveu HB1: *sentei com a minha orientadora do TCC e falei "Bom, eu vou tentar o mestrado, mas eu quero pesquisar bissexualidade". E a reação dela foi a pior possível. Ela disse que eu não devia fazer isso. Primeiro ela falou que isso era um falso modismo, ela tentou me convencer de todas as formas a não pesquisar esse tema, a não tentar. E ela sempre me dizia que eu não ia passar no mestrado.*

A frustração que os ativistas bissexuais disseram ter experienciado em relação ao movimento LGBTQIA+ foi lidar com essas dinâmicas bifóbicas justamente nos espaços em que havia a expectativa de pertencimento e acolhimento. *Se vem de alguém leigo, digamos assim, alguém de fora do movimento, você fala: "Ah, já esperava". Agora, das pessoas do movimento, dá uma tristeza maior, sabe? Então esse sofrimento que vem do interno, assim, ele aumenta e é pesado. É pesado. Tem dia que dá vontade de desistir de tudo* (HB1). Ainda que as insatisfações com a militância LGBTQIA+ tenham suscitado desejos de afastamento definitivo do movimento social, nos relatos compartilhados, essas vivências ruins se tornaram molas propulsoras para que eles buscassem se organizar em torno de um movimento exclusivamente bissexual, o que se tornou fundamental para seguirem no ativismo.

### **2.3 Necessidade da criação de um movimento específico**

Grupos mistos foram os primeiros contatos de parte dos entrevistados com o movimento LGBTQIA+, o que lhes proporcionou, em um primeiro momento, alívio por se verem em meio a um ambiente composto por dissidências sexuais e de gênero. Contudo, por esses espaços também serem atravessados por bifobias,urgia a necessidade da criação de coletivos e de organizações que estivessem voltados exclusivamente para pessoas bissexuais. Em sua cidade, HB1 afirmou que a inspiração para reunir pessoas bis em torno de um mesmo coletivo foi inspirado pela organização do movimento trans. *Eu tinha observado a ascensão do movimento trans, que foi muito importante, e aí eu falei assim: "Gente, é isso que nós bissexuais também precisamos fazer". E aí eu comecei a procurar pessoas bissexuais na cidade. A gente começou a trocar ideias a respeito disso, dentro dessa questão de conhecer o ativismo bissexual.*

Tal como descreveu HB1, o crescimento dos coletivos bissexuais regionais se iniciou por meio da iniciativa de integrantes desejosos por reunir um número maior de pessoas bis da mesma localidade. *A gente criou a primeira frente bissexual do Piauí e, partir daí, criamos a página Bissexuais Brasil, que é uma página do Instagram bem movimentada, que fala sobre a bissexualidade. Então a gente*

*construiu esse laço a partir da bissexualidade (HB3). Os coletivos regionais foram importantes para que grupos bissexuais pudessem pleitear mais espaços nas ações e atividades do movimento LGBTQIA+ nacional. Contudo, nos grandes congressos e demais eventos políticos, a bifobia estava presente, atribuindo uma representação figurativa para os grupos bissexuais. De acordo com HB3, era preciso que os coletivos regionais se transformassem em algo maior. Toda essa construção, ela veio por conta do apagamento, da invisibilidade. A gente estava cansado de sempre ser empurrado para um lado e para o outro e de nunca ser ouvido. Então vamos unir todos os coletivos do Brasil e as pessoas independentes.*

Na opinião de MB3, um conjunto de fatores ensejou a criação da Frente Bissexual Brasileira, que é a atual organização de representação nacional de grupos bissexuais. *A Frente Bi Brasileira foi uma consequência de diversas coisas. Houve um coletivo nacional que se desfez há mais tempo e, nunca mais, a gente havia conseguido juntar todo mundo, mesmo sabendo que têm ativistas em outros lugares do país. E aí, na pandemia, eu acredito que a questão das reuniões online fez a gente perceber isso, que é possível usar a internet também para se articular com pessoas de outras cidades, outros estados, países.* A internet tem sido essencial para a circulação de narrativas bissexuais que, por sua vez, oportunizam a identificação de mais sujeitos com a bissexualidade. É no âmbito virtual que as atividades da Frente Bissexual Brasileira têm se concretizado.

Nesta categoria, foram apresentados os diversos contextos em que a ativistas bissexuais se viram desvalorizados e invisibilizados em suas pautas no interior do movimento LGBTQIA+. Por se tratar de um espaço social composto pela hegemonia das monossexualidades, os sujeitos bissexuais entrevistados, sobretudo enquanto se encontravam em grupos mistos, estiveram sujeitos a lidar com posturas bifóbicas que, por sua vez, fizeram com que houvesse a necessidade de encontrar ambientes voltados exclusivamente para a militância bissexual, um espaço que tem se tornado refúgio e motivador para que as ações pró visibilidade bi perseverem no movimento social. A maior articulação desse movimento tem trazido benfeitorias para seus integrantes, incluindo a sensação de bem-estar e a percepção de que a saúde mental se encontra melhor.



### 3 - Saúde mental e a (r)existência bi

Ao considerar que as violências contra a população LGBTQIA+ repercutem diretamente na saúde dessa população, com ênfase na saúde mental (CARVALHO; MENEZES, 2021), esta categoria apresenta relatos da trajetória de sujeitos bissexuais que, mesmo lidando com sofrimento psíquico, na maioria das vezes motivado pelas bifobias vividas, tiveram dificuldades de encontrar espaços de cuidado. Devido à ausência de informações e de preconceitos oriundos da norma monossexual, também agenciadas no interior do movimento social, os entrevistados relataram ter apenas encontrado ambientes promotores de cuidado entre iguais. Consequentemente, a preocupação com o sofrimento psíquico de sua comunidade e o cuidado com a saúde mental estão entre as principais pautas atuais da militância bissexual.

#### 3.1 Sem garantias de cuidados

Ao longo das narrativas biográficas compartilhadas nas entrevistas, foram elencadas as dificuldades para assegurar cuidados com o bem-estar e a saúde mental. Devido a uma cultura heterossexista e mononormativa sexual, as pessoas que não correspondem a esses padrões estão submetidas às mais diversas formas de violência, o que acarreta intensa vulnerabilidade emocional. Pesquisas em cenário nacional e internacional apontam o quanto a saúde mental de sujeitos bissexuais se encontra mais fragilizada em comparação aos gays e lésbicas (BAÉRE; ZANELLO, 2020; EISNER, 2013). Ainda que sujeitos bissexuais sejam alvos de violências bifóbicas, é necessário também levar em consideração outros marcadores sociais que, sobrepostos, geram ainda maior suscetibilidade e desproteção.

A percepção da diferença e a impossibilidade de dialogar sobre essas questões impacta diretamente a saúde mental de jovens bissexuais. Por ser a adolescência uma fase em que ainda há poucas ferramentas internas para reflexão e elaboração dos acontecimentos, a sensação é de solidão e desamparo. *A minha adolescência era uma época em que a questão da saúde mental não era tão falada. E existia um estigma muito maior do que existe hoje, falando assim: "Ah, procurar psicólogo é só para doido. Não vou mandar para o psicólogo. Psiquiatra é só para*

*internar e ir para o hospício”. Eu sei que foi uma fase bem difícil, porque aí eu tive que lidar com essa confusão toda, com essas questões todas, sozinho (...) eu não tinha com quem conversar isso. Então foi um período bem difícil. Aos trancos e barrancos eu fui levando e eu cheguei a pensar, várias vezes, em autoextermínio (HB1).*

Tendo em vista que dissidências sexuais podem se sentir desconfortáveis com a própria sexualidade devido à difusa imposição de padrões normativos e que a psicologia brasileira compreende esse mal-estar como reflexo de violências LGBTQIA+fóbicas introjetadas ao longo da vida (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2021), infere-se que os espaços psicoterápicos seriam propícios para auxiliar na atenuação das dores pela não correspondência às normas sexuais. Contudo, ser acompanhado por um profissional da psicologia, ainda hoje, não é garantia de que pessoas LGBTQIA+ serão respeitadas em suas subjetividades, considerando a alta frequência de queixas de dissidências sexuais e de gênero que se sentiram desrespeitadas nesses espaços (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Devido a experiências negativas vividas em espaços psis, é comum que uma pessoa sexo-gênero diversa tenha que trocar de profissionais inúmeras vezes, até encontrar um espaço em que se sinta acolhida em suas especificidades, tal como relatou HB3: *eu tive que mudar de psicólogos várias vezes, porque eles também tinham a ideia binária de bissexualidade, aquela ideia de que era uma fase. Eu sofri muita violência na psicologia. Eu mudei de psicólogo umas seis vezes. Essa odisseia para encontrar um adequado serviço de psicologia pode fazer com que muitos sujeitos LGBTQIA+ desistam dessa procura ou permaneçam em espaços nos quais as suas existências serão patologizadas, sendo impelidos a escolherem pela monossexualidade. Isso aparece nos espaços e nas rodas de conversa de violência psicológica, de profissionais de saúde mental e coisas assim. De profissionais de saúde mental que pressionam os pacientes a escolher o seu lado (MB2).*

### **3.2 – Saúde mental como pauta prioritária na militância bi**

O desejo de não se submeter a contextos bifóbicos tem impulsionado grupos de pessoas bissexuais e se organizarem em torno de um coletivo maior, voltado exclusivamente para as pautas bis. A possibilidade de conviver com sujeitos cujas trajetórias são similares, sem o receio da reedição de novas violências dentro da militância, gera bem-estar e motivação para investir mais nas ações, conforme apontou HB1. *Entre os meus colegas de coletivo, a situação melhorou demais. Porque a gente se compreende muito mais, então não tem aquelas piadinhas, aquelas coisinhas que me incomodavam muito. E isso contribui muito para a minha saúde mental, porque eu sentir que eu pertença ao coletivo que eu faço parte é muito importante para que eu tenha gás de continuar na militância.*

A constatação de que grupos bissexuais são espaços de pertencimento e de acolhimento e de que essas realidades repercutem na melhora da saúde mental tem feito com que o recente movimento bissexual brasileiro priorize as pautas relacionadas à promoção do cuidado e do bem-estar. *A gente organizou lives com psicólogas bissexuais. Quando a gente foi fazer o Festival Bi+, pela Frente Bissexual Brasileira, foi uma preocupação nossa. Porque eu acho que, de todas as demandas que a comunidade bissexual tem, a saúde mental é uma pauta superprioritária do nosso movimento e que a gente precisa discutir cada vez mais (MB4).*

Conforme observou MB3, há o entendimento de que o cuidado com a saúde mental, além de preservar o bem-estar de ativistas, também é uma atitude preventiva, haja vista que o sofrimento psíquico, por ser uma vivência tão comum entre pessoas bissexuais, trazia empecilhos para a organização da própria militância. *A saúde mental também é tanto um tema quanto um grande problema, porque ela atrapalha as atividades, ela atrapalha o fluxo. Inclusive eu já eu vi essa fala diversas vezes, de que a gente tem muita dificuldade de se encontrar, muita dificuldade de construir coisas porque sempre está todo mundo mal (MB3).* O comprometimento da saúde mental não só traz obstáculos para a organização das atividades, como também acarreta a diminuição dos grupos pela retirada de participantes. *Já teve momentos que eu precisei distanciar um pouco, porque senão não ia dar conta (HB1).*

Como se trata de uma pauta relevante para a militância bissexual, existe a predileção pelo investimento na oferta de atendimentos psicológicos por

profissionais que já sejam conhecidos por atender o público sexo-gênero diverso. *A gente já tem umas listas de psicólogos LGBTs, em que você já sabe que não vai ter um atendimento opressor. A gente está começando a criar, especificamente para a população bissexual (MB3).* Além disso, nos projetos em andamento do movimento bissexual brasileiro, a saúde é colocada como destaque na produção de informações. *A gente está na formulação de um censo bi, em que um dos eixos é a saúde, especificamente a saúde mental. Porque, por mais que hoje em dia a gente, felizmente, já tenha várias pesquisas no Brasil falando especificamente sobre isso, ainda não são suficientes quando envolve a população bissexual (MB3).*

Devido a lacunas na capacitação de certos profissionais da psicologia, que pautam seus atendimentos a partir de noções normativas de gênero e sexualidade, os espaços de psicoterapia acabam por se tornar locais de agenciamento de violência, tal como foi apresentado nesta última categoria. Nela, também foi possível observar a priorização que o movimento bissexual brasileiro tem atribuído ao campo da saúde mental. Como muitos militantes bissexuais apresentam históricos de desconforto e de mal-estar nesses espaços de atendimento e tendo em vista que a população bissexual ainda é aquela que mais apresenta histórico de sofrimento psíquico devido às bifobias experienciadas, a saúde mental tem sido colocada como uma das pautas prioritárias na militância.

Cabe ressaltar que o cuidado com o bem-estar psíquico, através da noção de saúde mental, não se restringe ao campo psicoterápico. Embora os debates em torno deste tema tenham se direcionado para os atendimentos psicológicos, faz-se mister apontar que, no que concerne à promoção de cuidados, é a organização e a participação nos coletivos bis que mais têm proporcionado esses efeitos benéficos. Isso denota o quanto o reconhecimento é um fator de transformação da realidade pessoal e coletiva, por isso tem sido tão reivindicado através das lutas nos movimentos sociais (HONNETH, 2017).

## **Considerações finais**

O presente trabalho se propôs a analisar qualitativamente as vivências pessoais e a trajetória na militância de ativistas bissexuais. O intuito foi

compreender como o processo de entende-se bissexual e a posterior relação com o movimento LGBTQIA+ impactam no seu bem-estar e na saúde mental. Através das categorias produzidas a partir das entrevistas realizadas com ativistas bissexuais, foi possível encontrar aspectos comuns entre os colaboradores da pesquisa, desde o período que antecedeu o ingresso no movimento social até as dinâmicas presentes no interior da militância, no convívio com outras dissidências sexuais e de gênero.

Como muitos adentram no movimento LGBTQIA+ através de grupos mistos, as entrevistas demonstraram o quanto práticas bifóbicas também se encontram nas dinâmicas internas dentro da militância. Cabe ressaltar que tais violências são atravessadas por valores de gênero, sendo muitas vezes distintas as formas como as bifobias são dirigidas às mulheres e aos homens. Essas vivências fizeram com que urgisse a necessidade de organização de coletivos pautados exclusivamente em pautas bis, espaços que foram descritos pelos colaboradores da entrevista como verdadeiros refúgios.

Na atualidade, os grupos bis têm se organizado através da Frente Bissexual Nacional, com muitas propostas em vista. A frente foi criada no primeiro ano da pandemia de covid-19, pois a necessidade de se organizar em torno dos encontros virtuais viabilizou a participação de mais sujeitos nas atividades interestaduais. Devido ao histórico de bifobias e demais violências presentes na história dos militantes, existe o entendimento de que as pautas relacionadas à saúde mental precisam ser priorizadas na militância bissexual.

Esse trabalho também teve o objetivo de contribuir com as epistemologias bissexuais, tendo em vista que o investimento em pesquisas nesta temática é uma forma de suprimir a tendência de também apagar a bissexualidade das produções científicas do universo sexo-gênero diverso.

## Referências

ANDERLINI-D'ONOFRIO, Serena. *Women and bisexuality: A global perspective: Introduction*. *Journal of Bisexuality*, v. 3, n. 1, p. 1–8, 2003. DOI: 10.1300/J159v03n01\_01. Acesso em: 14 abr. 2022.

ANGELIDES, Steven. *A history of bisexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

ANGELIDES, Steven. Historicizing (bi) sexuality: A rejoinder for gay/lesbian studies, feminism, and queer theory. *Journal of Homosexuality*, v. 52, n. 1-2, p. 125-158, 2006. DOI: 10.1300/J082v52n01\_06. Acesso em: 20 abr. 2022.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, n. 25, 2020. DOI: 10.4025/psicoestud.v25i0.44147. Acesso em: 30 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARVALHO, Mário Felipe de Lima; MENEZES, Moisés Santos de. *Violência e saúde na vida de pessoas LGBTI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Nota técnica sobre a Resolução nº 01, de 22 de Março de 1999, que estabelece normas de atuação para as(os) psicólogas(os) em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1999. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/documentos/nota-tecnica-no-1-2021-gtec-cg/>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/>>. Acesso em: 30 abr. 2022

DYAR, Christina *et al.* Physical health disparities across dimensions of sexual orientation, race/ethnicity, and sex: evidence for increased risk among bisexual adults. *Archives of sexual behavior*, v. 48, n. 1, p. 225-242, 2019. DOI: 10.1007/s10508-018-1169-8

EISNER, Shiri. *Bi: Notes for a bisexual revolution*. Berkeley: Seal Press, 2013.

FACCHINI, Regina. “Sopa de Letrinhas”? – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HONNETH, Axel. *Lutas por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora 34.

LEÃO, Maria (2018). *Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais*. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de

Janeiro. Disponível em: <<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/4449>>. Acesso em: 15 abr. 2022

MONACO, Helena Motta (2020). “A gente existe”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216098>>. Acesso em: 15 abr. 2022

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

STORR, Merl. *Bisexuality: a critical reader*. Ebook: Taylor & Francis E-library, 2002.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, v. 21, p.651-667, 2012. DOI: 10.1590/S0104-12902012000300011. Acesso em: 20 abr. 2022

VAN ALPHEN, Ernst. Erasing bisexual identity: The visibility and invisibility of bisexuality as a sexual identity in the Dutch homosexual movement, 1946–1972. *Journal of Homosexuality*, v. 64, n. 2, p. 273–88, 2017. DOI: 10.1080/00918369.2016.1179032. Acesso em: 14 abr. 2022

YOSHINO, Kenji. The epistemic contract of bisexual erasure. *Stanford Law Review*, v. 52, n. 2, p. 353–461, 2000. DOI: 10.2307/1229482. Acesso em: 14 abr. 2022.

Recebido em janeiro de 2024.  
Aprovado em julho de 2024.